

# DESRESPEITO AO POBRE? RENDA FAMILIAR E DESENVOLVIMENTO MOTOR EM CRIANÇAS PELOTENSES

Magda F. Damiani

da Fac. de Educação/Univ. Fed. de Pelotas

Fernando C. de Barros

da Fac. de Medicina, Univ. Fed. de Pelotas

---

## RESUMO

Examina-se a associação entre desenvolvimento motor amplo de uma amostra de crianças pelotenses com 4 anos de idade e a renda mensal de suas famílias. Entre as 305 crianças testadas através das Escalas de Desenvolvimento Mental de Griffiths, as pertencentes ao grupo de renda mais baixa (até 1,5 salário mínimo) apresentaram uma pequena defasagem na área de motricidade ampla, quando comparadas com o restante da amostra. Embora se reconheça o viés sócio-econômico da maioria dos testes psicológicos, argumenta-se que a escala utilizada seria menos afetada por esse viés e que os resultados da investigação refletem o processo de dominação sofrido pelas classes desfavorecidas.

PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO - CLASSE SOCIAL  
- PRÉ-ESCOLARES

## ABSTRACT

MISJUDGING POOR CHILDREN? FAMILY INCOME AND MOTOR DEVELOPMENT AMONG 4-YEAR OLD CHILDREN.

This paper investigates the association between gross motor development and family income in a sample of 4-year old children from Pelotas (RS), South of Brazil. Among the 305 children tested through the Griffiths Mental Development Scales, those in the lowest income group lagged slightly behind in their gross motor abilities when compared to the rest of the sample. Although most psychological tests are viewed as bearing socioeconomic biases, it is argued that the scale used is less affected by such sources of error and that present findings reflect the process of domination undergone by lower classes.

A avaliação do desenvolvimento infantil e, principalmente, a comparação de seus aspectos cognitivos nas diferentes classes sociais têm sido alvo de muita controvérsia a partir da década de 70 (Patto, 1990). O surgimento dos testes psicológicos no início do século e os resultados "inferiores" obtidos nesses testes pelas crianças das classes trabalhadoras favoreceram, inicialmente, a idéia de que estas seriam subdotadas. Mais tarde, as pesquisas nesse campo levaram à crença de que seu pior desempenho seria devido à influência do ambiente empobrecido em que viviam — "teoria da carência cultural" (Soares, 1986; Patto, 1990; Carraher, 1989). Os instrumentos de medida utilizados eram, até então, considerados neutros e capazes de avaliar objetivamente as capacidades em diferentes áreas.

À medida que se percebeu que, em sua maioria, os parâmetros usados para a construção dos testes eram balizados pela cultura das classes dominantes, sua utilização como instrumento para medir habilidades foi sendo alvo de severas críticas (Patto, 1990). Se, por um lado, é verdade que os poderosos, com a convivência da ciência psicológica, utilizavam esse tipo de avaliação para justificar o freqüente fracasso escolar nas classes trabalhadoras, a rejeição do uso dos testes acarretou a crença de que não existiriam diferenças no desenvolvimento de habilidades entre crianças de grupos sociais distintos. Afirmar tais diferenças, na visão dos críticos da Psicometria, seria um posicionamento ideológico que serviria como justificativa para o processo de dominação de classes, espelhando um total desrespeito pela cultura popular (Patto, 1990).

Embora se constate que medir a rapidez da montagem de um quebra-cabeças de madeira (Griffiths, 1970) não espelhe a capacidade motora fina de uma criança pobre, não se pode dizer isso sobre todas as tarefas propostas pelos testes psicológicos. Saber contar, entender conceitos como alto e baixo, reconhecer diferenças de velocidade (Griffiths, 1970), por exemplo, são habilidades importantes para uma boa adaptação às exigências do mundo atual, sejam elas balizadas ou não pelos parâmetros das classes dominantes. Assim, não se pode simplesmente invalidar todo e qualquer instrumento de avaliação de desenvolvimento, pois os mesmos podem informar sobre o estágio em que se encontram os indivíduos e permitem fazer importantes comparações inter e intra grupos.

O presente trabalho parte da idéia de que a crítica à utilização dos testes como meio de responsabilizar os alunos por seu próprio fracasso escolar (crítica essa absolutamente procedente) não deve levar à conclusão de que o desenvolvimento infantil independe do tipo de inserção da criança na sociedade de classes. Este trabalho centrou-se na análise do desenvolvimento da motricidade ampla, cuja relação com variáveis sócio-econômicas está longe de ser claramente demonstrada.

Segundo Gallahue (1982), existe uma crença geral de que, exceto em casos de traumatismos de parto severos, síndromes genéticas ou paralisias cerebrais, o desenvolvimento motor amplo de uma criança ocorre de maneira relativamente livre de influências ambientais, seguindo um roteiro contínuo, previsível e guiado principalmente pela maturação biológica. Frankenburg e seus colaboradores (1975), no entanto, sugeriram diferenças entre o desempenho na área de motricidade ampla de crianças norte-americanas de diferentes níveis sócio-econômicos a partir dos 20 meses de idade. Defasagem semelhante foi também constatada na investigação de Epir e Yalaz (1984), com respeito ao desenvolvimento de crianças turcas entre 0 e 6 anos de idade. Paine e Pasquali (1983), por outro lado, concluíram que não existiam diferenças significantes entre o comportamento motor de crianças brasileiras de nível sócio-econômico baixo e médio nas idades de 4, 8, 12 e 18 meses. Entretanto, se examinarmos os dados dessa investigação, observaremos que os escores médios obtidos pelo grupo de nível socioeconômico mais baixo foram sistematicamente inferiores aos do grupo de nível médio.

Parece ser de senso comum em nossa sociedade considerar que as crianças de classe trabalhadora apresentam melhor desempenho motor amplo por viverem mais tempo ao ar livre, sem as restrições da vida em apartamento ou em áreas mais urbanizadas. O fato de os melhores jogadores de futebol serem oriundos, em sua maioria, dos estratos mais pobres de nossa população, de os melhores passistas das escolas de samba pertencerem às classes populares e de haver bandos de meninos driblando o trânsito nas ruas das grandes cidades parece reforçar essa crença.

As crianças pré-escolares, que são o foco da presente investigação, encontram-se na fase do movimento fundamental (Gallahue, 1982). Nesta fase, ocupam-se principalmente da exploração e experimentação das capacidades de movimento de seus corpos, dedicando-se a descobrir como se desempenham, de maneira eficaz, atividades de locomoção (correr, pular), estabilidade (equilíbrio) e manipulação (lançar, chutar etc). Se entre 2 e 4 anos essas crianças aprenderam a realizar esses movimentos, a partir dos 4 começam a adquirir maior controle e melhor coordenação rítmica para, aos 6 anos, passar a desempenhá-los de forma bem controlada, coordenada e mecanicamente eficiente.

Este trabalho a respeito da influência da renda familiar sobre o desempenho motor amplo em crianças faz parte do "Estudo longitudinal das crianças nascidas em Pelotas em 1982", que vem investigando prospectivamente (1983, 1984 e 1986) a saúde, o crescimento e o desenvolvimento de todas as crianças (5.914) que tiveram parto hospitalar no ano de 1982 nessa cidade gaúcha de então 250.000 habitantes (Victoria, et al., 1988).

## PROCEDIMENTOS

De maio a outubro de 1986, quando as crianças tinham em média 53 meses de idade (4,4 anos), realizou-se um estudo de avaliação do desenvolvimento mental e psicomotor de uma amostra de 5,5% delas.

As 322 crianças que compunham a amostra foram selecionadas aleatoriamente entre as cerca de 2.000 nascidas entre janeiro e abril de 1982 e não diferiam do universo em termos de sexo, renda familiar, peso ao nascer ou escolaridade materna. Limitou-se a amostra aos nascidos nos primeiros meses do ano porque se supunha que o trabalho de testagem seria mais facilmente desenvolvido com as crianças mais velhas. A avaliação foi realizada através das Escalas de Desenvolvimento de Griffiths (Griffiths, 1970)<sup>1</sup>.

As escalas de Griffiths avaliam o desenvolvimento nas áreas de motricidade ampla e fina, audição e fala, socialização e raciocínio prático. A análise dos escores globais de cada Escala podem ser encontradas em outra publicação (Victoria, 1988). O presente trabalho limita-se à análise detalhada de cada um dos itens da Escala de Motricidade Ampla. Considera-se essa Escala a mais livre de viés sócio-econômico, já que o desenvolvimento da motricidade ampla parece não estar intimamente associado à posse de jogos ou material escolar (como, por exemplo, está a motricidade fina), nem tampouco ser avaliado por um padrão cultural da classe dominante (como acontece com a fala).

A escolha desse teste deveu-se à amplitude de habilidades que avalia (no Brasil não há instrumentos com semelhante escopo) e ao fato de terem sido utilizadas em pesquisas semelhantes em outros países (Grantham-MacGregor et al., 1982; Joos e Pollit, 1984), possibilitando estudos comparativos (Victoria, 1990). É importante acrescentar que as Escalas foram elaboradas através da observação do comportamento de mais de 2.000 crianças britânicas de todos os grupos sociais (Griffiths, 1970).

As testagens foram realizadas nas residências das crianças sem aviso prévio, embora a pesquisa houvesse sido divulgada através de programa local de televisão. Como as crianças e suas famílias haviam participado das quatro etapas anteriores da pesquisa, houve um alto índice de cooperação. As Escalas foram aplicadas por cinco psicólogas com treinamento especial no uso do instrumento. Cada testagem durou aproximadamente duas horas e trinta minutos.

Para a realização da análise, as crianças foram divididas em dois grupos conforme a renda mensal de suas famílias e os resultados referem-se tanto aos escores globais quanto aos percentuais de acerto para cada um dos 18 itens que correspondem às idades de 3, 4 e 5 anos (seis itens para cada ano).

Três itens foram considerados tendenciosos em relação ao grupo de renda mais baixa: esses itens — "anda de triciclo", "desce escadas com um pé em cada degrau" e "corre escada acima" — apresentam viés sócio-econômico contra as crianças mais pobres que, em sua maioria, não possuem triciclo e não têm acesso a escadas. Note-se que em dois desses itens — "desce escadas..." e "corre escada acima" — houve um grande número de respostas em branco (28 e 32, respectivamente), já que nem sempre foi possível testar diretamente essas habilidades e as mães das crianças tampouco sabiam informar sobre as mesmas. A análise dos escores globais foi repetida excluindo-se esses itens.

Nas casas onde não havia escadas testaram-se os itens "pula de dois degraus" e "pula de três degraus", solicitando às crianças que pulassem para o chão de alturas correspondentes a dois e a três degraus — para isso pedia-se que subissem em móveis e/ou outros objetos previamente medidos.

É importante salientar que comparamos o quartil de renda mais baixa da população com o restante das crianças. As famílias do grupo de crianças mais pobres possuíam uma renda mensal de 1,5 salários mínimos ou menos.

## RESULTADOS

Participaram efetivamente deste estudo 305 crianças, 94% da amostra original — 164 meninos (53,8%) e 141 meninas (46,2%). Entre as 17 crianças não incluídas, 13 não foram localizadas e quatro recusaram-se a participar. Essas crianças, no entanto, não eram diferentes das participantes em termos de renda familiar e sexo. Das 305 testadas, três não completaram a Escala de Motricidade Ampla (por impossibilidade ou falta de disposição). Não nos foi possível obter informações adequadas sobre a renda familiar mensal de 18 crianças.

1 As Escalas de Griffiths foram desenvolvidas na Grã-Bretanha e traduzidas pela autora para uso na presente investigação.

Tabela 1

Média de pontos obtida pelas crianças da amostra nos itens da Escala de Motricidade Ampla de Griffiths por grupo de renda familiar mensal Pelotas, 1986

RENDA FAMILIAR	SOBRE 18 ITENS				SOBRE 15 ITENS			
	MÉDIA	n	IC 95%	p*	MÉDIA	n	IC 95%	p*
25% mais pobres	9,4	65	(2,4:16,3)	0,0011	7,7	72	(2,1:13,3)	0,0052
As demais	10,9	196	(4,6:17,2)	0,0011	8,8	212	(3,3:14,3)	0,0052

\* Teste t de Student

A tabela 1 mostra as médias de pontos obtidas pelas crianças dos dois grupos de renda para todos os 18 itens da Escala de Motricidade Ampla e também para os 15 itens considerados sem viés sócio-econômico (cada item valendo um ponto). Observa-se que, em ambos os casos, as crianças de renda mais baixa obtiveram pontuações significativamente menores (teste t), embora a exclusão dos itens enviesados reduzisse a diferença entre os grupos.

Na tabela 2 temos os percentuais de acertos para cada um dos itens da Escala de Motricidade Ampla

(correspondentes às idades de 3, 4 e 5 anos) conforme a renda familiar mensal (teste de  $X^2$ ). Note-se que, embora o grupo de maior renda apresentasse resultados estatisticamente superiores em apenas quatro dos 18 itens (seis, se incluirmos os itens considerados enviesados que apresentaram diferenças significativas), percebe-se uma consistência nos resultados obtidos pelas crianças desse grupo: suas proporções de acertos foram maiores em 16 dos 18 itens. Nos dois itens em que o grupo mais pobre obteve percentuais mais elevados, as diferenças foram de pequena monta — em torno de dois pontos percentuais.

Tabela 2

Percentuais de acertos obtidos pelas crianças da amostra nos itens da Escala de Motricidade Ampla de Griffiths por grupo de renda familiar mensal Pelotas, 1986

Itens	Renda familiar		p <sup>a</sup>
	25% mais pobres (n=74)	outras (n=213)	
Ano III			
Corre rapidamente em espaço limitado	96	98	0,4230
Anda de triciclo (ou outro brinquedo de pedal) <sup>b</sup>	67	89	0,0000*
Marcha no compasso da música, batendo palmas	81	92	0,0136*
Caminha sobre uma linha desenhada no chão	85	83	0,8076
Pula em um pé só (3+ pulos)	78	89	0,0356*
Pula de dois degraus (aterrissa com pés juntos)	78	83	0,4700
Ano IV			
Chuta uma bolinha durante corrida	83	82	0,9497
Desce escadas (um pé em cada degrau) <sup>b,c</sup>	56	68	0,1242
Toca artelhos sem dobrar os joelhos	28	34	0,3711
Pula sobre elástico a 15 cm. do chão (pés juntos)	74	76	0,7487
Sobe e desce do ônibus sem ajuda	40	47	0,3800
Corre escada acima <sup>b,d</sup>	31	46	0,0491*
Ano V			
Pica bolinha no chão e a apanha	17	26	0,1298
Corre rapidamente ao ar livre	25	43	0,0104*
Joga bolinha para o alto e a apanha	18	28	0,1181
Pula alternando os pés (4+ pulos)	11	26	0,0117*
Pula de três degraus (aterrissa com pés juntos)	43	46	0,7415
Pulando em um pé só, chuta cubo (1 chute)	13	23	0,0918

<sup>a</sup> Teste de Qui-quadrado

<sup>b</sup> Itens com viés sócio-econômico

<sup>c</sup> Item com 28 crianças sem informação

<sup>d</sup> Item com 32 crianças sem informação

\* Itens que apresentam diferenças significativas ( $\alpha \leq 0,05$ )

## DISCUSSÃO

Embora os resultados encontrados devam ser analisados com cautela e necessitem ser verificados através de novas investigações, eles parecem indicar que as crianças de famílias de mais baixa renda encontravam-se ligeiramente defasadas em seu desenvolvimento motor amplo em relação às demais. A tendência observada no trabalho de Paine e Pasquali (1983) com crianças de até dezoito meses repetiu-se na idade de quatro anos e meio; parece ter havido também confirmação dos achados de Frankenburg et al. (1975) e de Epir e Yalaz (1984), que apontam para uma defasagem evolutiva, ainda que pequena, nas crianças de baixa renda.

Poder-se-ia argumentar que os resultados refletem mais os vieses do instrumento de avaliação do que o real desempenho das crianças. O fato de o teste ser estrangeiro poderia ter também influenciado, já que seu objetivo seria medir habilidades de crianças européias. Entretanto, o exame dos itens utilizados (tabela 2) não apóia essas hipóteses. Considera-se que ser capaz de correr, pular, equilibrar-se e coordenar os movimentos com competência são habilidades importantes para a sobrevivência em qualquer cultura ou classe social, sendo vantajoso alcançar essa competência o mais cedo possível.

As diferenças de classe social entre as testadoras e as crianças do grupo de mais baixa renda poderiam ser também evocadas na explicação dos resultados obtidos. As crianças mais pobres sentir-se-iam intimidadas pela presença de moças "ricas" e "instruídas" em suas casas, o que afetaria seu desempenho no teste. Por outro lado, se esse fosse o único fator a determinar o resultado da testagem, o grupo mais pobre — ao contrário do observado — não deveria apresentar melhor desempenho em nenhum item das seis Escalas de Griffiths.

As etapas anteriores do estudo longitudinal (Victoria, Barros e Vaughan, 1988) apontaram diferenças significativas nos indicadores de saúde para os diver-

sos grupos de renda da população, conforme a Tabela 3. Observou-se que, quanto menor a renda familiar, maiores os percentuais de baixo peso ao nascer, de hospitalizações e de desnutrição nas crianças. Além disto, constatou-se que os percentuais de famílias habitando construções irregulares ("malocas"), sem água encanada ou com água disponível apenas fora da moradia, sem instalação sanitária e com aglomeração de moradores eram maiores para o subproletariado e proletariado típico (que, na maioria dos casos, tem renda de até 3 salários mínimos mensais) do que para as outras classes sociais com maior renda. Esses achados são relevantes para a interpretação das diferenças sociais no desenvolvimento motor amplo.

Gallahue (1982) afirma que as crianças podem permanecer muito tempo na etapa elementar dos movimentos fundamentais por falta de oportunidades para praticar, falta de motivação ou falta de instrução adequada. Se as crianças mais pobres eram também mais doentes, desnutridas (o que implica em atraso no desenvolvimento ósseo e da massa muscular) e enfrentavam maiores dificuldades em sua sobrevivência, não nos parece absurdo acreditar que apresentavam também defasagens em seu desenvolvimento motor amplo.

Mesmo desconsiderando a tendência à defasagem generalizada no desempenho motor expressa na Tabela 2, ao observarmos apenas os itens com diferenças estatisticamente significativas, encontramos prejuízos — ainda que pequenos — em habilidades motoras essenciais. Não se pode deixar de notar o desempenho inferior das crianças de baixa renda em corrida — levando-se em conta aspectos de rapidez e ritmo (Griffiths, 1970) — pulo em um só pé, pulo alternando os pés e marcha ritmada.

Contrariando o senso comum, nossos resultados parecem indicar que o excelente desempenho motor de algumas pessoas oriundas das camadas mais pobres da população antes de ser uma regra, constitui uma exceção. Nas diferentes etapas deste estudo

Tabela 3

Indicadores de saúde das crianças (N = 5.914\*)  
por grupo de renda familiar mensal  
Pelotas, 1982 - 1986

INDICADORES <sup>a</sup>	GRUPO DE RENDA (EM SALÁRIOS MÍNIMOS)				
	<= 1	1,1 a 3	3,1 a 6	6,1 a 10	>10
% de baixo peso ao nascer	15,0	7,8	7,2	6,6	5,4
% de hospitalizações nos primeiros 20 meses	39,8	29,4	19,9	11,6	7,3
% de desnutrição aos 4 anos <sup>b</sup>					
estatura/idade	21,0	7,0	3,5	1,7	1,5
peso/idade	8,1	2,9	1,3	0,7	1,1

Fonte: Victoria, Barros e Vaughan, 1988.

\* 5.914 = total de crianças nascidas de partos hospitalares em Pelotas, 1982.

<sup>a</sup> Para todos os valores,  $p < 0,001$

<sup>b</sup> Abaixo da mediana menos 2 desvios-padrão (padrão NCHS).

constatou-se que muitas crianças de baixa renda permaneciam trancadas dentro de casa todo o dia enquanto seus pais iam para o trabalho e isto pode representar mais um entrave para seu desenvolvimento motor amplo.

Negar que a motricidade ampla das crianças esteja de alguma forma associada à renda de sua família parece implicar na negação do processo de dominação sofrido pela classe trabalhadora. Não se pode ignorar suas condições adversas de vida nem tampouco imaginar que tais condições deixem de causar prejuízos em todas as áreas de sua existência. Pode-se inclusive especular que seja também através desses prejuízos que se perpetue o processo de dominação. Isto não significa, no entanto, que as crianças mais pobres apresentem menor *potencial* para desenvolver suas habilidades motoras. Elas estão apenas defasadas por influência de condições de vida adversas.

Essa defasagem entre o desenvolvimento cognitivo de crianças pobres e ricas também é constatada

por Ramozzi-Chiarottino (1988). Ela afirma que a criança de baixa renda não é inferior mas está inferior. Fundamentando-se na teoria piagetiana com sua ênfase à importância das trocas entre a criança e seu meio para a construção das estruturas mentais, Ramozzi-Chiarottino considera uma hipocrisia dizer que as crianças pobres, em vez de defasadas, são apenas portadoras de uma cultura diferente. A autora conclui que tal atitude acarreta necessariamente a manutenção do processo de dominação de classe, com o que concordamos. Permanecer estático na defesa da cultura popular (embora isso deva também ser feito) — a ponto de tornar-se cego em relação às péssimas condições de vida em que vivem as classes trabalhadoras — pode resultar em idealização da pobreza e em ratificação da idéia liberal de igualdade entre todas as pessoas. Pensamos que esta postura acarreta um maior desrespeito aos pobres e a sua cultura do que o reconhecimento comprometido de suas dificuldades e a conseqüente busca de alternativas para sua superação.

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- BEE, Helen. *A criança em desenvolvimento*. São Paulo : Harper & Row do Brasil, 1977.
- CARRAHER, Terezinha N. *Sociedade e inteligência*. São Paulo : Cortez, 1989.
- EPIR, Shirley, YALAZ, Kalbiye. Urban turkish children's performance on the Denver Developmental Screening Test. *Developmental Medicine and Child Neurology*, Oxford, n.26, p.632-43, 1984.
- FRANKENBURG, William K., DICK, Nathan P., CARLAND, James. Development of preschool-aged children of different social and ethnic groups: implications for developmental screening. *The Journal of Pediatrics*, Saint-Louis, v.87, n.1, p.125-32, 1975.
- GALLAHUE, David L. *Understanding motor development in children*. Nova Iorque : Wiley & Sons, 1982.
- GRANTHAM-McGREGOR Sally M. et al. Study of growth and development of young Jamaican children recovering from severe protein-energy malnutrition. *Developmental Medicine and Child Neurology*, Oxford, n.24, p.321-33, 1982.
- GRIFFITHS, Ruth. *The abilities of young children: a comprehensive system of mental measurement for the first eight years of life*. Londres : Child Development Research Centre, 1970.
- JOOS, S.K., POLLIT, Ernesto. Effects of supplementation on behavioral development in children up to the age of two years: a comparison of four studies. In: BROZEK, Joseph, SCHÜRCH, Beat (eds.) *Malnutrition and behaviour: critical assessment of key issues*. Lausanne : Nestlé Foundation, 1984. (Nestlé Foundation Publication Series)
- PAINE, Patricia A., PASQUALI, Luiz. Is motor development really more advanced in Third World infants? *Perceptual and Motor Skills*, n.57, p.729-30, 1983.
- PATTO, Ma. Helena S. *A produção do fracasso escolar*. São Paulo : T.A. Queiroz, 1990.
- RAMOZZI-CHIAROTINO, Zélia. *Psicologia e epistemologia genética de Jean Piaget*. São Paulo : E.P.U., 1988.
- SOARES, Magda B. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo : Ática, 1986.
- VICTORA, Cesar G., BARROS, Fernando C., VAUGHAN, Patrick. *Epidemiologia da desigualdade*. São Paulo : Hucitec, 1988.
- VICTORA, Magda F. Damiani. Cross-cultural differences in developmental rates: a comparison between British and Brazilian children. *Child: Care, Health, and Development*, Londres, n.16, p.151-64, 1990.
- \_\_\_\_\_. Desenvolvimento mental e psicomotor. In: VICTORA, Cesar G., BARROS, Fernando C., VAUGHAN, Patrick. *Epidemiologia da desigualdade*. São Paulo : Hucitec, 1988.
-